

Índices da Ilusão

O consumidor brasileiro aprendeu nos três últimos congelamentos que a palavra é mais um eufemismo do que uma realidade. Assim, os índices que coletam os preços pagos pelos consumidores já captavam os ágios cobrados na vigência do tabelamento. Quando os reajustes foram autorizados, portanto, a diferença entre os preços oficiais e os de mercado ficou menos acentuada no IPC, por exemplo, do que no índice geral de preços (IGP) apurado pela Fundação Getúlio Vargas.

O IGP tem como seu principal componente o índice de preços por atacado (IPA), com peso de 60%, seguindo-se o índice de preços ao consumidor (IPC), com 30%, e o índice nacional do custo da construção (INCC), com 10%. Como os preços no atacado são informados diretamente pela indústria, acaba ocorrendo uma grande diferença no congelamento entre o preço oficial de fábrica e aquele praticado no mercado.

Como já advertira o diretor de pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia da FGV, professor Julian Chacel, tão logo passou a Fundação a divulgar, por encomenda do mercado financeiro, a versão ampliada e moderna do IGP (o IGP-M), os índices no atacado iriam ter comportamento distorcido até a completa correção dos atrasos nos preços dos produtos congelados.

Assim, é um grande equívoco tomar o índice de 37,88% do IGP no mês de julho como parâmetro para cálculos de reajustes de preços ou de investimentos. O IGP foi largamente influenciado pelos reajustes de mais de 40% nos derivados de petróleo que produziram, no mês passado, uma alta de 39,44% no IPA. Do mesmo modo, o descongelamento dos preços de fábrica — do aço e do cimento — tiveram grande impacto nos preços dos materiais de construção apurados pela Fundação Getúlio Var-

gas. A alta que se verifica agora é a incorporação oficial do ágio no IGP.

Tanto isto é verdade que, enquanto o IPC acumula uma alta de 254,9% de janeiro a julho, o IGP aumentou apenas 229,8%. Ou seja, o IGP está dez por cento abaixo. Utilizar agora o IGP ou o IGP-M como parâmetro para reajuste de preços ou para altas no dólar paralelo é uma manobra ilusionista de quem quer tirar duplo partido da inflação.

A verdade é que, desde 1º de julho, o dólar paralelo subiu apenas 28,4%, contra 48,6% da inflação oficial medida pelo BTN fiscal e 55,8% da variação da taxa do *overnight*. Quem fez grande posição em dólar no início do mês passado perdeu muito dinheiro. Mais ainda aqueles que tomaram crédito para comprar dólar, pagando alguma coisa acima da taxa do *overnight*. Explica-se, assim, por que os cambistas tentaram e conseguiram iludir apressados investidores com uma alta de mais de dez por cento nas cotações do paralelo na última sexta-feira, quando atingiram NCz\$ 4,20. As cotações caíram até NCz\$ 4,05 no dia 15, voltando a NCz\$ 4,20 ontem. Mas deu para os cambistas recuperarem parte do prejuízo.

Como reconheceu o próprio ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, conviver com uma inflação próxima de 30% é como andar sobre o fio da navalha. Qualquer manipulação dos índices pode criar um clima propício à hiperinflação. Banqueiros, economistas e empresários precisam ter muita responsabilidade social na interpretação e utilização dos diversos índices de preços. Felizmente, o próprio mercado financeiro não se deixou iludir, pois o contrato futuro de BTN continuou projetando ontem uma expectativa de inflação de 30,51% para agosto, ligeiramente superior aos 28,79% indicados pelo governo no BTN fiscal.